

VIAGENS E HOSPITALIDADE

342 — *A SEKETI YA HANYA HI NKHATA*

O percevejo vive por meio do sangue

WA MUPFUMBA

do hóspede

Quando um pobre ocasionalmente hospeda alguém que é portador de iguarias que insiste em oferecer ao dono da casa, este, depois de as aceitar, profere o aforismo à guisa de agradecimento. Os percevejos, que expulsaram o dono da palhota, alimentam-se do sangue dos hóspedes que, eventualmente, nela pernoitam.

343 — *KU GA U MIYETA NYOKA*

Come para calar a cobra

A palavra «cobra» tem aqui sentido figurado, significando «fome».

Esta melancólica expressão é frequentemente empregada, à guisa de pedido de indulgência, pelo pobre que não dispõe de alimentação suficiente para poder fartar o hóspede.

344 — *A NKELE WA MBILE-MBILE A WU GUMI KUSUHI*

O carreiro da formiga não termina perto

Mbile-mbile é uma formiga negra, de pequeno tamanho, que, nas suas deambulações, segue sempre em fila indiana, fazendo uns carreiros típicos, muito extensos, cavados pelo tráfego. Tais carreiros são muito utilizados pelos caçadores para se orientarem no mato. Esta variedade de formiga é gulosa do pó das árvores secas, produzido pelo escavar de outros insectos. O formigueiro vai-se agrupando em torno da árvore e só quando está completo efectua o seu regresso, limpando completamente o pó acumulado. Parece serem chefiadas por um indivíduo alado, mais corpulento.

As viagens que se fazem para resolução de qualquer assunto ou negócio podem, imprevistamente, levar o interessado mais longe do que supunha.

- 345 — *MUENZI A NGA HI KU NA BENYI I MHANGO*
O viajante que não tem dono está em perigo

«Dono» é aqui empregado na acepção de «protector».

Por vezes aqueles que viajam vêem-se constrangidos a pedir pernoita em qualquer povoação desconhecida, mesmo que sejam recebidos com desconfiança. Encontram-se em perigo, devido à hostilidade dos que o cercam.

É especialmente aplicável aos casos em que o viajante atravessa terras estranhas sem ter cuidado em obter autorização prévia do respectivo chefe.

- 346 — *A WUKLARI GA KUNWA NDLELENI*
A astúcia é encontrada no caminho

Ku Kuma = encontrar.

Quem viaja muito aprende.

- 347 — *NKONZO I NZEYANI*
A pegada está em muitos lugares

Significa esta metáfora que quando nos encontramos em terras estranhas cumpre-nos manifestar sempre o máximo respeito pelos habitantes e pelos seus costumes, por singulares que estes pareçam; pelo facto de se nos afigurarem diferentes não devemos menosprezar os autóctones.

- 348 — *A XA HOMBE HI KUHANYA*
Grande é a vida

Pelos costumes tradicionais, o indivíduo que hospeda outro em casa, além de ter por obrigação tratá-lo o melhor que pode, deve também, à partida, oferecer-lhe um pequeno presente, para que recorde o dono da casa e a sua hospitalidade.

Se a penúria é grande e esse presente não pode ser oferecido, o hóspede, ao ouvir as desculpas do dono da casa, profere, magnânimo, a expressão supra, significando com ela que a vida é longa, que terão decerto novas oportunidades de se encontrarem e, portanto, de se obsequiarem mutuamente.

349 — *A TSANZAWA WA LAHA NDLELENI WU HANYISA*
A «tsanzawa» lá no caminho salva

BAHUNZI

os viajantes

Ku Hanyisa = salvar.

A *tsanzawa* é uma árvore que produz um fruto comestível.

Esta expressão é citada pelos viajantes, à guisa de agradecimento, quando são bem acolhidos em determinada povoação e lhes é oferecida lauta refeição.

APARÊNCIA FÍSICA

350 — *HLEKA XILEMA WA HI NZENI*
Ri do coxo (enquanto) estiveres dentro (do ventre da tua mãe)

Advertência aos que troçam dos defeitos físicos alheios, recordando-lhes que de igual desgraça não estão livres.

Outrora o riso trocista constituía gravíssimo insulto, dando origem a queixas à autoridade e a pedidos de indemnização.

351 — *A HOMU YO BASA A YI NA MASI*
Vaca branca não tem leite
(não dá)

Corresponde, aproximadamente, ao nosso: «Não há bela sem senão».

As mulheres de grande beleza, sobretudo as que se distinguem pela sua cor mais clara, têm ordinariamente, no entender dos indígenas da região, defeitos que as tornam de fraco préstimo como donas de casa, esposas ou mães.

Os padrões locais de beleza física dão extrema importância à pigmentação clara.

352 — *NZO HLONGANA MILENGE HI* *NZOKATI!*

¹ ²
Me emagreceram as pernas por causa da cacimba!

Ku Hlongana = emagrecer.

Na crença dos indígenas da região, o desenvolvimento muscular dos membros inferiores é prejudicado pelo excessivo caminhar matinal entre as ervas ainda húmidas de cacimba. Ao referir-se metafóricamente ao emagrecimento das pernas, quer o indivíduo dar a entender que, para cumprir as tarefas que se impôs, tem por hábito levantar-se de madrugada. Compreende-se agora por que razão aquele que é fisicamente débil emprega esta expressão quando pretende significar que não devem julgar a sua capacidade pela aparência corpórea mas sim pelos trabalhos que, efectivamente, realiza.

353 — *A MBHINYI LOWU KU BYEKELA*

Cabo entortado

Alusão velada às pessoas feias ou disformes.

354 — *XINZABANA XA MAVILWA*

Cestinho de «mavilwa»

Mavilwa é um fruto silvestre pouco apreciado, só consumido em casos de extrema necessidade.

A expressão designa a rapariga feia que não desperta o interesse varonil.

355 — *MANGA YA KLABA KUNONA*

Amendoim do mato gorduroso

Referência à mulher que durante a gravidez apresenta excelente aspecto físico.

356 — *WUKULO GA SIMBO*

Grandeza de «simbo»

Simbo é o chumaço de capim ou pano usado no transporte de cargas à cabeça.

O dito designa, irònicamente, o indivíduo de imponente aspecto físico, mas de mentalidade rasteira. É comparado ao *simbo*, cuja valia é reduzida se posto em confronto com o esforço que há necessidade de despendar no transporte da carga.

357 — *NKILA WA XIMANGA MABUBUNZWANI*

Rabo de gato bem proporcionado

Alusão metafórica às pessoas fisicamente bem conformadas.

JUIZOS SOBRE GRUPOS ÉTNICOS E CLÃS

358 — *A TIHUKO TA LE KA MASINGE TO NGENA HI*

As galinhas de lá de Massinga entram pelas

ŽISUKA

caudas

359 — *A BANHANYANA BA LE KA MASINGE BO KANZA*

As raparigas de lá de Massinga pilam

BA KHIZAMILE

ajoelhadas

Ku Kanza = pilar.

Ku Khizama = ajoelhar.

Ambas estas expressões são empregadas para significar admiração pelas mulheres de Massinga, que, além de manifestarem, ainda hoje, o maior acatamento pelo sexo forte, são esposas fiéis, mães dedicadas e valentes trabalhadoras.

A frase «entrar pela cauda» evoca o antigo costume que obrigava as mulheres a penetrarem de joelhos numa palhota onde se achassem reunidos homens.

360 — *WURA GA MUTSONGA XI NDENDENDE*

O arco do bitonga é muito tenso

Mutsonga é a palavra que, no singular, designa o indígena do grupo étnico popularmente designado por «bitonga», grupo que habita a área do concelho de Inhambane, do posto administrativo da Maxixe e parte da circunscrição de Morrumbene. As relações entre este grupo e os Tsuas não são das mais cordiais.

O aforismo refere-se à habilidade dos Bitongas para mercadejar, habilidade que parece advir de séculos de trato com árabes e portugueses.

Do mesmo modo que os Chopes, os Bitongas tinham o arco e flecha como arma principal. Mas ao passo que o arco bitonga se assemelhava ao bosquímano, isto é, em forma de parêntese, o arco chope era idêntico ao dos Mocarangas, isto é, em forma de D.

361 — *A MABINGU YA BATSWA A MA MBELI*

Os aforismos dos Tsuas não acabam

Ku Mbhela ou *Ku Mbheta* = acabar.

Este aforismo era usado pelos antigos para manifestarem menosprezo pelo ensino ministrado nas escolas. A sabedoria popular seria, na sua opinião, bem mais valiosa do que esse ensino.

362 — *BALEKA NGOLOKOTSO YA MAKAMU!*

Rebenta o «ngolokotso» do «makamu»!

Ku Baleka = rébentar ruidoso do epicarpo lenhoso de certos frutos.

Ngolokotso é o fruto não comestível de certa planta rastejante. Esse fruto possui um epicarpo lenhoso que, em fins de Dezembro, rebenta por si só, com um estalido característico.

Makamu é o nome de um dos clãs tsuas. Deriva de *kamu*, pente, visto os seus fundadores terem por hábito, segundo a tradição, untar o cabelo com um preparado de base vegetal para o fazer liso e brilhante.

A expressão é empregada pelo marido para escarnecer a consorte pouco cuidadosa com a limpeza e arranjo da casa e ineficiente na direcção dos assuntos caseiros, mas que, com inadvertida leviandade, pretende fazer-se passar por desvelada perante estranhos.

Deve acrescentar-se que as mulheres daquele clã, na crença popular, procedem como as indicadas. O seu procedimento irreflectido e falar considerado são comparados ao ruído produzido pelos epicarpes do fruto rebentando sem causa aparente.